

CORREIO POLÍTICO

Ricardo Stuckert/PR



A benção de Lula teria reconciliado os dois primos

João e Marília: os Arraes voltam a se unir em Pernambuco

Conhecido entre os sertanejos como “Dotô Arraia”, Miguel Arraes foi um dos maiores ícones da esquerda brasileira, sempre identificado com o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e com a política de Pernambuco, apesar de ter nascido em 1916 no município de Araripe, no Ceará. Governou Pernambuco por três vezes. Morto em 2005, Arraes deixou como seu herdeiro político o neto Eduardo Campos, que morreu em um acidente aéreo em 2014, quando disputava a Presidência. Mas a família Arraes manteve seus herdeiros na política. Só talvez não contas-se que a disputa separasse esses herdeiros. E que poderá chegar ao fim agora. Os primos João Campos e Marília Arraes reconciliaram-se.

Com as benções de Lula

João Campos é o prefeito do Recife e candidato a governador de Pernambuco pelo PSB. Marília Arraes é deputada federal pelo PDT. Os dois são primos. Atribui-se ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva a reconciliação. A chapa costurada tem João Campos para o governo, Marília e o senador Humberto Costa (PT) para o Senado, e Carlos Costa Filho, do Republicanos, como candidato a vice.

Jefferson Rudy/Agência Senado



Humberto resiste à composição com Marília

Briga levou Marília a deixar o PT

Curiosamente, o entrave agora para a chapa não vem da briga dos Arraes, mas do PT. A briga entre João Campos e Marília remonta a 2014. Vereadora, Marília queria ser deputada federal, mas não encontrou guarida no PSB. Eduardo Campos, ainda vivo, tinha projetos para o filho, João. Marília deixou o PSB e foi, então, para o PT. Em 2020, a briga se intensificou em torno da disputa por Recife. Dez anos mais velha, Marília, à época com 36 anos, achava que João Campos, com 26, era muito novo para o cargo. Marília resolveu enfrentar o primo, que a venceu.

Briga passou a ser com Humberto

Com o PT se aproximando e firmando aliança com João Campos, Marília deixou o partido em 2022 e ingressou no Solidariedade. Artífice da aproximação com o PSB e com João Campos em Pernambuco, a briga de Marília Arraes, agora no PDT, começou a ser com Humberto Costa. A benção de Lula a uma possível chapa unindo os dois primos enfrenta agora resistência de Humberto.

POR
RUDOLFO LAGO

Assembleia

João Campos tinha a intenção de anunciar a chapa na quinta-feira (19). O PT, porém, não deixou. Embora se diga que a ideia tenha surgido de Lula, o PT reclama que não teria sido consultado sobre essa composição. E que ela precisa vir a ser referendada em assembleia do partido. Adiou-se, então, o anúncio.

Desconfiança

No fundo, o PT já admite que é para a união dos primos que a chapa se encaminha. Mas não aceita engolir o arranjo sem uma formalização oficial. E, no fundo, tem uma desconfiança. Os petistas dizem que as razões da briga se referem ao fato de Marília sempre só ter feito o jogo que lhe interessa.

Da Fonte

O PT defendia um nome mais à direita na composição, o deputado federal Eduardo da Fonte (PP). E ainda não o descarta. O TSE analisará no dia 26 a Federação União Progressista, entre o PP e o União Brasil. A adesão de Eduardo da Fonte é considerada importante para ampliar o espectro de votos.

Raquel

Ao mesmo tempo, o ministro da Casa Civil, Rui Costa, encontrou-se na quinta-feira em Brasília com a governadora de Pernambuco, Raquel Lyra, do PSD. Rui tenta obter uma aproximação com ela. Como, porém, é impossível colocar os pernambucanos todos numa mesma panela, o mais provável é a chapa pretendida por João Campos mesmo.

Pesquisa

Pesquisa Real Time Big Data em 11 de fevereiro mostra João Campos com chance de vencer no primeiro turno, com 51%. Num cenário com Marília Arraes na disputa para o Senado, ela fica à frente de Humberto Costa: 27% contra 21%. E Humberto empata com Anderson Ferreira, do PL. É aí que mora o perigo.

Líder

Em todos os demais cenários que tinham sido testados, sem Marília Arraes, era Humberto quem liderava para o Senado. Foram testados cinco cenários diferentes. A avaliação é que está aí o risco. Humberto e Marília disputariam votos no mesmo eleitorado. E um pode acabar tirando a chance do outro.



A pedido de Lula, Haddad disputará governo de São Paulo

Haddad deixa Fazenda e vira peça-chave de Lula

Ex-ministro disputará São Paulo. Dário Durigan assume

Por Beatriz Matos

A saída de Fernando Haddad do Ministério da Fazenda, confirmada nesta quinta-feira (19), marca uma inflexão estratégica no governo Lula e abre oficialmente a corrida política de 2026 no maior colégio eleitoral do país.

O movimento, que já era esperado nos bastidores, foi formalizado durante a Caravana Federativa, em São Paulo, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) anunciou que o atual secretário-executivo, Dário Durigan, assumirá o comando da equipe econômica. A mudança atende a um desenho político claro: posicionar Haddad como o nome do PT na disputa pelo governo paulista.

A substituição ocorre sem ruptura na condução da política econômica. Durigan, braço direito de Haddad desde o início da gestão, já atuava como principal articulador político da pasta e é visto como um nome de continuidade. Com passagem pela Advocacia-Geral da União (AGU), Casa Civil e também pela iniciativa privada, o novo ministro tem perfil técnico e trânsito político consolidado dentro do governo.

Ao deixar o cargo, Haddad fez um balanço da gestão e destacou a aprovação da reforma tributária, além de medidas como a ampliação da faixa de isenção do Imposto de Renda e o aumento

de investimentos públicos. Lula, por sua vez, elevou o tom e afirmou que o agora ex-ministro “passará para a história” pelo desempenho à frente da Fazenda.

Nos bastidores, a avaliação é de que a transição já estava prefigurada, inclusive pelo mercado, justamente pela previsibilidade da sucessão e pela manutenção da linha econômica.

Palanque

A candidatura de Haddad atende a uma necessidade central do PT: reconstruir um palanque competitivo em São Paulo. Segundo o cientista político Vitor Sandes, a decisão é “puramente política” e mira a relevância eleitoral do estado.

“Trata-se de cumprir uma função estratégica para o partido, pensando na força do maior colégio eleitoral do país”, afirma.

Mesmo tendo sinalizado preferência inicial por disputar o Senado, Haddad teria atendido a um pedido direto de Lula para encarar a corrida ao Palácio dos Bandeirantes. A avaliação interna é de que ele reúne recall eleitoral, já foi prefeito da capital e mantém vínculo direto com o presidente — fatores considerados essenciais para impulsionar candidaturas proporcionais e fortalecer o projeto nacional do partido.

Para o especialista, a movimentação também não deve provocar sobressaltos na economia.